

O Jaguareense no jornal A Alvorada (1932-1934): imprensa negra e política na fronteira Brasil-Uruguai

The Jaguareense in the newspaper A Alvorada (1932-1934): Black Press and politics on the Brazil-Uruguay border

Caiuá Cardoso Al-Alam*

Resumo: Neste texto farei uma abordagem sobre a experiência da Imprensa Negra na cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, que faz fronteira com o Uruguai, a partir de suplemento especial sobre os assuntos da cidade contido no jornal *A Alvorada*, da cidade de Pelotas. O suplemento chamado *O Jaguareense* circulou entre os anos de 1933 e 1934, época em que os debates sobre a luta social dos movimentos negros estava aquecido com uma contundente afirmação racial negra. Nessa conjuntura, por exemplo, será criada a “Frente Negra Brasileira” e a “Frente Negra Pelotense”, e o jornal foi um correspondente desse debate, engajando-se em campanhas pela cidadania do povo negro, como foi a pela educação. Pretendo, nesse sentido, caracterizar *O Jaguareense* e também a atuação da comunidade negra da região, evidenciando pautas políticas, coletivos sociais negros e também a luta contra o racismo na cidade.

Palavras-chave: Imprensa Negra. Jornal *A Alvorada*. *O Jaguareense*.

Abstract: In this text i will discuss the experience of the Black Press in the city of Jaguarão in Rio Grande do Sul, which borders Uruguay, based on the special supplement on city affairs contained in the newspaper *A Alvorada*, in the city Pelotas. The supplement called *O Jaguareense*, circulated between the years 1933 and 1934, a time when the debates of the social struggle of black movements were heated with a strong black racial affirmation. At this conjuncture, for example, the “Frente Negra Brasileira”, and the “Frente Negra Pelotense”, will be created, and the newspaper was a correspondent of this debate, engaging in campaigns for the citizenship of the black people, as it was for education. In this sense, i intend to characterize *O Jaguareense* and also the performance of the black community in the region, showing political agendas, black social collectives and also the fight against racism in the city.

Keywords: Black Press. *A Alvorada* newspaper. *The Jaguareense*.

* Doutor em História. Professor-Adjunto na Universidade Federal do Pampa, *Campus* Jaguarão. *E-mail:* caiuaalam@gmail.com

A Imprensa Negra como tema de pesquisa vem ganhando, cada vez mais, atenção e novas abordagens no País. Desde o trabalho-referência de Roger Bastide (1973) da década de 1950 a Imprensa Negra vem sendo objeto de estudos, tendo maior intensificação nos últimos 20 anos. De uma compreensão da anomia social, passando pelo entendimento das práticas intelectuais como dispersivas e cópias de brancos, até o reconhecimento da organização complexa da afirmação racial negra de forma protagonista, a partir de suas redes associativas, a produção acadêmica sobre a intelectualidade negra atuante nos jornais tem se ampliado.¹

Os trabalhos a respeito da Imprensa Negra no Rio Grande do Sul focaram, principalmente, as experiências de duas cidades no Estado. Na capital Porto Alegre, o objeto de análise, fundamentalmente, foi o jornal *O Exemplo* (PERUSSATTO, 2018), e, em Pelotas, o jornal *A Alvorada* (SANTOS, 2003; OLIVEIRA, 2017), que teria sido o órgão da Imprensa Negra de maior duração no País (de 1907 a 1965). Mas, atualmente, como observaremos a seguir, estes estudos têm ganhado uma dimensão em sua interiorização, ampliando-se trabalhos para o restante do Rio Grande do Sul, deslocando análises dos grandes centros ou de espaços mais consagrados.²

A historiografia tem evidenciado a complexa atuação das comunidades negras do interior do Estado, visibilizando as diversas instituições e organizações que compunham a atuação militante em busca de cidadania por essas famílias. Outras cidades contaram com o associativismo negro e a Imprensa Negra, como é o caso dos estudos a respeito de Santa Maria, que vem sendo conduzido pelo Gepa,³ e Bagé (SILVA, 2018). Também existem trabalhos que evidenciam as articulações entre a intelectualidade negra atuante na imprensa do Brasil com companheiros/as de ativismo além-fronteiras, como no Uruguai, disputando, inclusive, o debate racial dentro da construção da nacionalidade (SILVA, 2017).

Manter um jornal era tarefa difícil, não apenas pela complexa organização, mas também pelos valores financeiros necessários à sua realização. Nem todas as comunidades negras do interior conseguiram manter experiências duradouras atuando como imprensa, mas muitos tipos de pasquins, panfletos e outros formatos que pautavam suas demandas existiram, sem falar que muitos exemplares podem não ter resistido às intempéries da falta de preservação em arquivos públicos e privados. Mas existiram,

também, outras formas de as comunidades negras das cidades do interior participarem dos jornais negros, que foi a conexão com outras experiências de ativismo de imprensa mais estruturadas.

A dimensão política da atuação e a forma com que realizavam o debate racial são características disso que evidenciamos como Imprensa Negra. José Antonio dos Santos (2003) já havia caracterizado a atuação do jornal *A Alvorada* como feito *por e para* a comunidade negra buscando debater a plena cidadania de sua comunidade. Fernanda Oliveira da Silva sintetiza essa tradição de como enxergar o protagonismo desta intelectualidade negra ativa nos jornais, enfatizando as perspectivas racial e dialógica no campo da militância em âmbito internacional:

[...] ela é produzida, em especial, por pessoas autoidentificadas como racialmente negras, voltada a um público predominantemente negro, e cujos assuntos tratados têm recorte explicitamente racial, mas não exclusivo, privilegiando escritos sobre cidadania; liberdade; efeitos da violência de caráter coletivo, estrutural, e individual; e diálogos com pessoas negras de outras nações, sobretudo, no século XX (2018, p. 3).

O jornal *A Alvorada* concentrava notícias de diversas cidades do interior. Havia correspondentes que enviavam informações sobre o cotidiano dessas comunidades negras. Algumas cidades conseguiram manter correspondência forte contando com uma seção específica no jornal, como no caso de Bagé, Jaguarão e Cacimbinhas (hoje Pinheiro Machado). Evidencia a correspondência do *A Alvorada*, uma atuação plena na região da Campanha e do Litoral, formando uma zona de engajamento que envolvia espaços geográficos importantes, unificando lutas das comunidades negras da fronteira Sul do Rio Grande do Sul. Essa é uma estratégia ímpar dessa intelectualidade negra que vinculou comunidades que compartilhavam experiências culturais e do mundo do trabalho comuns. E pensar que, por muito tempo, a historiografia ignorou a presença massiva e protagonista nestes territórios, hoje se alastram estudos que evidenciam essa complexa experiência diaspórica do povo negro na região da fronteira Sul do Estado.⁴

As notícias que vinham desses correspondentes, geralmente eram registros de datas celebrativas como aniversários e casamentos, a respeito de

festividades de clubes sociais ou de outras associações, como as esportivas, tudo aquilo que remetia à sociabilidade. Mas, fundamentalmente, em meio a tais notícias, realizavam denúncias de práticas de racismo, pautavam estratégias de luta por cidadania e afirmavam uma contundente identidade racial negra positiva. Este último ponto é fundamental, para entender a importância dessa afirmação. A comunidade negra vivia com o estigma da inferioridade racial organicamente articulada desde o século XIX pelo Estado Nacional brasileiro em suas instituições científicas, de memória e educativas. Como “raça inferior”, a comunidade negra, de acordo com as elites intelectuais brancas, não teria capacidade de viver sobre si, de ter autonomia, precisando ser tutelada nas suas experiências de vida. Perversidade que, cotidianamente, era afirmada no preconceito racial, evidenciando-se nos espaços de segregação, nas ruas, no cotidiano, na estrutura estatal. Foi preciso, a partir da autoidentificação como comunidade negra, agregar padrões morais *bem vistos* na época, e a racialização foi uma estratégia importante pela própria comunidade, pois monumentalizou o *ser indivíduo negro* como algo positivo. Os padrões morais hegemônicos, obviamente, eram o católico e o de submissão da classe trabalhadora, mas a comunidade negra usou isso para afirmar uma identidade racial plena de cidadania, que organizou a partir da ideia de ser indivíduo negro, vetorizando a luta contra o racismo. Segundo Fernanda Oliveira da Silva,

a racialização fazia dos negros objetos, enquanto eles (negros) a viviam como sujeitos em uma relação intrinsecamente dialética. Foi essa posição de sujeitos da racialização que possibilitou que a raça figurasse como um critério das relações horizontais estabelecidas entre os negros, dotada de significados novos e positivos. Argumento que, nessa ação de ressignificação, os grupos negros participaram do processo de racialização (2017, p. 259).

A racialização por parte do próprio povo negro foi uma estratégia de identificação fundamental para a afirmação política da sua comunidade. Importante é entender a identidade, e, aqui, cabe a racial naquela conjuntura, como sendo afirmada nos determinados contextos e numa lógica relacional, a partir de contrastes com situações e grupos sociais (BARTH, 1998). Portanto, afirmar uma identidade racial negra positiva é vetorizar o

sentimento coletivo, positivando a ideia de ser indivíduo negro, fazendo disso uma importante identidade social para a luta política contra o racismo e por melhores condições de vida de suas comunidades.

Em 1932 a cidade de Jaguarão contava com uma correspondência de notícias importante no jornal *A Alvorada*, que foi ganhando cada vez mais relevância. O jornal *A Alvorada* da cidade de Pelotas foi fundado em 1907 e circulou até 1965 tendo pequenas interrupções em sua publicação. Teria sido, esse, o jornal da Imprensa Negra de maior tempo de circulação no País (SANTOS, 2003). Buscando os trabalhos de Santos (2003), Oliveira (2017), Silva (2017), não há dúvidas do acerca do caráter combativo do jornal em relação ao racismo, pois que buscava, a partir da educação, a reivindicação de melhores condições de cidadania.

No início da década de 1930, a afirmação racial negra estava aquecida como política no jornal, e encontramos uma contundente circulação do periódico na cidade de Jaguarão. Para além da tradição do movimento operário negro na região de Pelotas e Rio Grande (LONER, 2001), no início da década, temos um importante marco para a conjuntura nacional que foi a formação da “Frente Negra Brasileira”, em 1931, e, dois anos depois, em 1933, a correspondência local, a “Frente Negra Pelotense”. A conjuntura fora marcada por uma agudização das reivindicações de cidadania do povo negro, e uma das principais campanhas desses setores era a instrução a partir da educação (DOMINGUES, 2007; GOMES, 2005).

Como comentado, o jornal *A Alvorada* tinha diversas seções de notícias de cidades menores ao redor de Pelotas: notícias de Cerrito, Pedras Altas, Bagé, Rio Grande, Jaguarão, Cacimbinhas, dentre outras, todas relacionadas ao hebdomadário. Essas notícias eram realizadas por pessoas chamadas de *agentes*, que eram representantes do jornal nas localidades, escrevendo, divulgando, comercializando e gerenciando a cobrança das assinaturas. Juvenal Penny, um dos fundadores do *A Alvorada*, era dono de empresa de fogos e viajava pelo interior divulgando as vendas, mas também o próprio jornal (SANTOS, 2003, p. 127). Interessante é pensar no engajamento militante que cada indivíduo realizava, circulando pelo interior, oferecendo seus serviços, mas também divulgando o jornal e, certamente, articulando essas redes nas comunidades negras, que viabilizaram representações nas cidades menores.

É difícil objetivar o alcance da circulação da imprensa e os níveis de

recepção daquela comunidade, mas é expressiva a forma como *A Alvorada* foi ganhando importância em Jaguarão. Para termos uma ideia, em 1933, circulavam cerca de 100 exemplares do jornal em Jaguarão, o que era significativo para uma cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul. Vamos tentar entender a proporção disso em números. No Censo de 1940, o que pode nos aproximar dos dados da década anterior, Jaguarão tinha, ao todo, 15.704 pessoas, sendo 7.736 homens e 7.968 mulheres. Dessas, os brancos eram 13.542, sendo 6.716 homens e 6.826 mulheres. Os chamados pelo censo de *Pretos*, uma nomenclatura que ainda sobrevivera ao estigma da escravidão, eram no geral 1.009 pessoas, sendo 474 homens e 535 mulheres. Já os *Pardos* eram 1.127 pessoas no geral, sendo 528 homens e 599 mulheres. Os chamados *Amarelos* eram 16, sendo 11 homens e 5 mulheres. Somando os tidos como não brancos, atingimos cerca de 2 mil pessoas. Não temos os números de instrução a partir dos critérios de cor, mas o censo apresenta o geral: eram 8.100 pessoas que sabiam ler e escrever, sendo 4.038 homens e 4.062 mulheres.⁵ Levando em conta os números relativos à população taxada como *Preta* e *Parda*, cerca de 2 mil pessoas, observando que cerca de metade da população da cidade, no geral, tinha instrução, e aplicando as quase 100 assinaturas do jornal *A Alvorada* na cidade, num exercício relativo, supostamente uma a cada dez pessoas da comunidade negra que sabia ler e escrever assinava o jornal. Ainda, levando em conta a dimensão das leituras coletivas dessas folhas e, além disso, os empréstimos dos jornais que as famílias realizavam entre si, a proporção do acesso ao *A Alvorada* em Jaguarão era invejável.

A representatividade na cidade era tanta, que o jornal abriu um suplemento específico para as notícias de Jaguarão a partir de 12 de março de 1933. O suplemento chamava-se *O Jaguarense*, que anunciava assim o jornal: “Devido à grande aceitação que tem tido o nosso semanário nesta localidade, resolvemos criar este suplemento, com o fim de entusiasmar e agradar aos dignos, bondosos e corretos assinantes que possuímos aqui. Agradecemos a simpatia e aceitação que o probo povo de Jaguarão tem dispensado ao *A Alvorada*.”⁶ Chamam a atenção as palavras *dignos* e *corretos*, o que evidencia a insistência dos editores em um perfil desejado para a comunidade negra vinculada ao jornal.

Sem dúvida, essa representatividade do *A Alvorada* em Jaguarão acionava uma tradição importante daquela localidade: era uma cidade

negra. Durante o século XIX, até cerca de 1860, a população escravizada concentrada naquele município, proporcionalmente, chegou a ser a maior da antiga Província do Rio Grande do Sul (AL-ALAM; LIMA, 2013). Era um território referencial para pensarmos a diáspora africana, e, como veremos durante este texto, que resultou em contundente atuação também por parte dessa população em situação de liberdade. De fato, a comunidade negra de Jaguarão continuava a expressar sua agência na experiência histórica, sua tradição de protagonismo evidenciada na articulação em torno da atuação da Imprensa Negra na cidade.

O uso de uma antiga estratégia para envolver a população com as edições, foi fundamental: a adoção de uma coluna de *fofocas*. Ela servia para promover o controle moral, mas se tornou efetiva também para reivindicar autoestima ao povo negro. Antes mesmo do suplemento específico da cidade, a coluna “Cacei” já era publicada no jornal, o que, certamente, contribuiu para chamar a atenção. Semanalmente, a coluna era o carro-chefe das notícias relativas à cidade de Jaguarão. Diversas pessoas tinham, nas páginas do jornal, publicados os comportamentos tidos como desviantes e nocivos, e isso chamava a atenção e gerava curiosidade, tornando extremamente assíduo o acompanhamento do periódico com enorme receio de ali serem citadas.

Colunas que buscavam manter um padrão moralizado no comportamento *da/pela* comunidade negra e de valorização de uma identidade racial negra positiva eram uma constante no *A Alvorada*. Registravam, nessas colunas, de forma contundente, parafraçando Fernanda Oliveira da Silva (2018, p. 15) aquilo que Thomas Holt chama de “encontros de racialização”, pois que as experiências sociais das práticas de racismo faziam monumentalizar uma identidade negra que vetorizava o sentimento coletivo de luta contra o preconceito racial. Eram identificados, assim, pelo colunista, situações, comportamentos e estratégias de combate aos atos racistas de indivíduos e da sociedade. A coluna, que, num primeiro olhar, objetaria a *fofoca* e o controle moral, por outro lado carregava uma contundência importante de luta contra o preconceito racial e também identificava elementos que configuravam essa identidade racial negra na época.

Para Pelotas Juvenal Penny fazia o “Dr. Pescadinha” na coluna “Pesquei” (OLIVEIRA, 2017). E, em Jaguarão, existia a coluna “Cacei”

que era realizada pelo “Dr. Caçador”. Provavelmente, o “Dr. Caçador” era Marcelino Costa, agente do *A Alvorada* em Jaguarão. Ele teve sua foto publicada no jornal duas vezes em forma de agradecimento aos seus serviços à comunidade negra e também em regozijo pelo seu aniversário.⁷ Nas fotos, ele aparece jovem (Figura 1). No fim da circulação do suplemento *O Jaguarense*, quando da cobrança dos honorários do jornal na cidade, editores do *A Alvorada* fazem referência a Marcelino no endereço da Alfaiataria “Ao Figurino”. Encontrei uma certidão de casamento datada de 1934, provavelmente do mesmo Marcelino, pois como profissão declarava ser artista. Nomenclatura utilizada por alfaiates, marceneiros e outras profissões com trabalho manual mais distinto. Nela, Marcelino Ferreira da Costa Filho,

[...] nascido neste Estado no dia 22 de março de 1909, profissão artista, filho de Marcelino Ferreira da Costa (falecido em 1930) e de Maria José Dias da Costa (nascida em 1883), casou-se com Helia Soares, nascida neste Estado no dia 28 de fevereiro de 1914, profissão doméstica, filha de Alda Soares (nascida em 1899) e sem registro de paternidade.⁸

Marcelino, um jovem alfaiate, em 1933 com 24 anos de idade, buscava conectar a militância do jornal *A Alvorada* de Pelotas à comunidade negra de Jaguarão.

Figura 1 – Marcelino Costa⁹



Fonte: Acervo do autor

O valor da assinatura do jornal era de 1\$000 (mil-réis) mensais. Por semestre valia 5\$000, e o número avulso custava \$200.¹⁰ O representante do *A Alvorada* em Jaguarão assinava o editorial do suplemento *O Jaguarense* e ficava responsável pela edição com informações da cidade. Além da coluna “Cacei”, como comentado, existiam seções informando sobre nascimentos, batizados, casamentos, informações sobre associações negras na cidade e também até mesmo um concurso do homem mais feio do lugar (certamente um elemento de possibilidade de atração de leitores/as curiosos/as). Segundo Ângela Pereira Oliveira, o valor da assinatura mensal do *A Alvorada*, em 1932, era o equivalente a um quilo de carne, o que para muitas famílias pesava no orçamento (OLIVEIRA, 2017, p. 33). Na coluna “Cacei”, era anunciado o valor de meias de seda para mulheres ao preço de 1\$200 o par,¹¹ o que, num exercício de comparação, também reforça o compromisso financeiro para famílias populares em relação a essa contribuição. O valor das mensalidades era cobrado adiantado, conforme o próprio jornal noticiava, o que evidencia as dificuldades de se manter, na prática, tal iniciativa. Devemos também observar o engajamento das famílias que compunham essas quase 100 assinaturas em Jaguarão, que, mesmo comprometendo certa parte do orçamento, apoiavam a iniciativa, articulando uma mobilização em torno da identidade racial negra.

No dia 26 de fevereiro de 1933, o “Dr. Caçador” lançou uma novidade: passava a nomear a coluna como “Cacei no rádio”, escrevendo suas linhas na forma de um locutor radiofônico. Certamente influenciado pela onda do rádio, buscava sintonizar melhor o momento vivido e sua comunidade. Marcelino parecia “surfear nessa onda” da audiência das colunas que buscavam popularidade através de um tom jocoso e buscavam inovar. Em 2 de abril de 1933, fez surgir outra coluna no suplemento *O Jaguarense*, que se chamava “Riza-se”. A intenção era rotular comportamentos e as pessoas que os conduziam. O controle e a audiência aumentavam. No mesmo mês, em 9 de abril, surge um novo colunista da “Cacei pelo rádio”: chamava-se “Dr. Radiola”. Não sabemos se outra pessoa assumiu a coluna ou, até mesmo, se foi uma estratégia de Marcelino trocar o nome, a fim de manter distância de confrontos e críticas sobre sua atuação.

Mas a insistência na interlocução a partir do tom jocoso e moralista, tinha uma dimensão política importante. As colunas que comentavam o

cotidiano e comportamentos, como a “Cacei”, demarcavam com contun-
dência uma identidade racial negra positiva. Fica evidente o enfrentamento
contra o racismo. Em determinado momento, “Dr. Caçador” faz críticas a
algumas meninas, pois, no Clube 24 de Agosto, quando os homens “[...] vão
tirá-las para dançarem, olham, se é preto disfarçam, se é regular, dançam.
Meninas, isso é feio, não são melhores do que ninguém, depois sabem que
no Clube não há distinção”.¹² Em outro momento, segue o “Dr. Caçador”
pontuando reflexões sobre o racismo, mas principalmente quanto ao fato
de homens e mulheres não se reconhecerem como negros e negras, vejamos:
“A jovem Olga, (cachimbinho), dizendo se tivesse dinheiro, que fundaria
um novo clube, porque no 24 só tem pretos. Ora, D. Cachimbinha, quando
falar em pretos olhe-se em uma lata de querosene.”¹³

O interlocutor registra e demarca também espaços racializados, como
o famoso Café do Comércio que ficava bem no centro da cidade, hoje atual
prédio da Caixa Econômica Federal, onde eram feitas as sociabilidades e
celebrações de associações e demais coletivos sociais da comunidade branca
da cidade: “O jovem Nenê, que agora só frequenta o Café do Comércio.
Deixe de tanta parada, Seu Nenê, procure os seus camaradas.”¹⁴

Em relação à estética negra, “Dr. Caçador” reivindicava também
uma postura diferente, o que denota já uma poderosa reflexão sobre a
representatividade da beleza negra: “O jovem Alceu, alisando o cabelo,
com gominha, para as meninas embelezarem-se por ele. Seu Sabugo, não
vê que o seu engruvinhadinho [*sic*] não se ajeita?”¹⁵

O receio também com as relações inter-raciais é apontada na coluna,
evidenciando uma crítica à forma como a sociedade branca conduzia a
perpetuação do racismo e com os impactos psicossociais na comunidade
negra: “A jovem Jovência Peres, em grande desfrute com um soldado do
3º R. C. D. Pois o desfrute era tanto que chegava a trocar sanhas e bei...
[*sic*] para o mesmo. Mocinha, ele é um moço branco, quer é zombar e lhe
ridicularizar, deixe disso que se poderá lhe prejudicar.”¹⁶

Para superação do racismo e daquilo que o jornal evidenciava como
falta de moralidade, temos uma insistência na educação como um vetor.
“Dr. Caçador” tecia críticas também aos soldados do Exército e da Brigada
Militar,¹⁷ espaço de atuação intensa da comunidade negra. Questionava a
forma como os homens negros, ao adentrar e participar dessas corporações,

adotavam um perfil de atuação que, segundo ele, negava sua própria identidade racial. E, além de chamar a atenção para o *não se reconhecer como homens negros*, também aponta ao caminho da educação, da formação, como elemento distintivo para compartilhar dessa coletividade negra:

O soldado Nestor, no baile do Clube 24, dizendo a este que não era homem de brinquedo; indo depois para perto de sua pequena, para dizer-lhe: “este negro em tudo se introduz”. Ora, amigo Nestor, quando falar em negro, olhe-se e procure honrar a sua raça. Se é porque tem a cor mais abertinha, não é motivo para proferir as palavras que proferiu, salvo se desconhece a palavra sublime e regeneradora: educação.¹⁸ Obrigada Jacaré, querendo bancar o valente no sábado, sentado num banco da praça com um bloco de senhorinhas, quando passou um sargento do 3º R. C. D. ele o ameaçou pelas costas. [...] Ainda tem a coragem de dizer que Jaguarão não presta, melhor se tivesse ido para uma escola aprender a instruir-se e a educar-se, para não fazer vergonha como essa. E quer falar em negros, dizendo que os daqui não valem nada, quererá você julgar que é branco? Se na sede, da corporação que pertence não há espelho quando levantar-se vá ao rio e mire-se nele, que enxergará na água a sua cara e não mais falará em negros, porque também o é. O amigo está muito atrasado, tome o conselho de um colega de farda do 3º R. C. D., vá para a escola aprender e verá como depois de educado e culto tudo mudará [...].¹⁹

Na conjuntura em que circulavam com mais intensidade as notícias de Jaguarão e o próprio suplemento *O Jaguareense*, entre 1932 e 1934, o jornal *A Alvorada* estava em campanha para um amplo acesso educativo à população negra e em apoio à organização de uma representação da “Frente Negra Brasileira” em Pelotas. O jornal, em acordo com a ideia do acesso à educação, fazia, a partir dos seus editoriais e colunistas, também críticas à própria comunidade negra, que, de acordo com esse, focava seu protagonismo no campo da sociabilidade ao invés de instrução e política. Rodolpho Xavier,²⁰ intelectual distinto daquele periódico, evocava a organização social negra a partir de uma concepção classista e racial. E em coluna de fevereiro de 1932, intitulada “Instrução e mais instrução”,

tecia críticas ao foco da comunidade negra na organização dos cordões carnavalescos, dos clubes sociais e o futebol, pois seriam, segundo ele, passatempos maléficos e dispersos, que tiravam o foco da perspectiva da instrução.²¹ Outro intelectual importante, Carlos Santos,²² em coluna chamada “Negros, sociedade e família”, tecia críticas contundentes ao foco na sociabilidade, argumentando que a comunidade negra, ao insistir nessas atividades, contrariava a tradição de luta de José do Patrocínio.²³

Uma das apostas do jornal *A Alvorada* para a instrução do povo negro, em consonância com a estruturação da “Frente Negra Brasileira”, era a organização de Centros de Cultura que pudessem pulverizar a formação educativa. Rodolpho Xavier, em coluna intitulada “Centros de Cultura”, celebrava que a semente da campanha se espalhava pelo interior, e já havia brotado em Jaguarão e na cidade de Cacimbinhas. Rodolpho incentivava para que as associações, sociedades recreativas, cordões e esportistas buscassem atividades de instrução e cultura, “[...] promovendo conferências em datas respectivas, que digam respeito à lei de 28 de setembro, à 13 de maio, à campanha abolicionista e aos vultos representativos da raça nas armas, nas letras e nas artes e bem assim dos fatos principais da história pátria”.²⁴ Rodolpho evidenciava diferentes elementos dessa estratégia, talvez a importância de alguns avanços com a “Lei do Ventre Livre” quando essa reconheceu o pecúlio e a arbitrariedade dos valores das alforrias, lembrando que ele mesmo foi considerado livre com o recurso da lei; chama a atenção para a participação negra na campanha abolicionista reivindicando protagonismo nesse sentido e ainda aposta em algo que atualmente continua sendo estratégia dos movimentos negros contemporâneos que é a representatividade de biografias. Em relação ao 13 de maio, o Clube 24 de Agosto celebrava bailes para marcar a data, atividades muito concorridas na sede da instituição,²⁵ e não devemos perder de vista a tradição de discursos e demarcações reflexivas que essas atividades continham mesmo com tom festivo. Só posteriormente, principalmente a partir da década de 1970 o contraponto à agenda do 13 de maio foi direcionado ao hoje reconhecido 20 de novembro, “Dia da Consciência Negra”.

Estratégias de letramento da comunidade negra são de longa data. Em Jaguarão, houve desde estratégias dentro das irmandades católicas, via colaboração junto com padres e Irmãos/as dessas confrarias, passando

pela adesão às escolas noturnas abolicionistas, até chegar às oficinas de letramento dentro das associações negras, como as que os clubes sociais negros previam em seus estatutos. Mas uma estratégia se destacou na cidade: a frequência ao Colégio Noturno 20 de Setembro (AL-ALAM; SABINO, 2018). Essa instituição foi fundada em 1918, a partir da militância de republicanos da cidade, com o objetivo de alfabetizar toda a população até o centenário da independência nacional. Importante é destacar que esse colégio, que funcionava à noite, no subsolo do prédio da antiga Intendência, atual Prefeitura Municipal, buscava impor uma moral disciplinada e nacionalista à classe trabalhadora. E pretendia atender às pessoas tidas como as mais vulneráveis da cidade naquela época. Esse colégio continuou suas aulas durante as décadas de 1940 e 1950, mas mudando sua sede para o Círculo Operário Jaguareense (AL-ALAM; SABINO, 2018). Muitos homens, adolescentes e crianças negras frequentaram essa instituição. Importante é entender que, mesmo sendo imposta uma moral branca, patronal e conservadora, a comunidade negra fez uso da instrumentalização do letramento, frequentando o espaço e utilizando esses saberes na continuidade da organização de seus coletivos sociais negros, como os clubes, por exemplo. O “Dr. Caçador”, em janeiro de 1933, insistia na pauta da educação como instrumento para superação do racismo e enfatizava o vínculo da comunidade negra com o Colégio Noturno 20 de Setembro: “[...] o jovem Néco, na manifestação ao Dr. Arthur, só dizendo asneiras. Ora, seu Néco, quem não tem educação não vai a festas, vai para o Colégio 20 de Setembro, que lá tem bom professor.”²⁶

Outro ponto importante em que pese a reivindicação de um padrão moral por parte da coluna “Cacei” é em relação às mulheres. Eram cobradas a respeito das suas vestimentas: “A jovem Dalila, andar sem meia na rua Barão do Rio Branco, quer bancar artista ou não sabe que na loja Iolanda estão fazendo liquidação de meias de seda a 1#200 o par.”²⁷ Eram cobradas, algumas vezes junto com os homens, por, pretensamente, se exporem em flertes e namoros: “O jovem Antão, tomando cerveja com a jovem Lourdes, no pátio do Clube, em um canto, sozinhos. Cuidado jovens, podem ser censurados e fica feio.”²⁸

Várias sociedades vinculadas à comunidade negra local são evidenciadas em *O Jaguareense*. No futebol destacam-se os times Sport Club Juvenil

e o Sport Club Diamantino, fundados em 1933 e 1916, respectivamente.²⁹ Os dois times tinham noticiadas suas partidas, inclusive em jogos quando eram rivais: “No domingo passado o S. C. Juvenil, valoroso vice-campeão local, venceu por 2 a 1 o S. C. Diamantino, também aguerrida esquadra desta cidade.”³⁰ Chama a atenção o Juvenil como vice-campeão do campeonato local que também era disputado por times de brancos. A passagem a seguir ilustra a referência do Juvenil como um time da comunidade negra em uma contundente resposta do “Dr. Caçador” a um ato racista em dia de jogo:

Um certo sargento do 3º R. D. C. querendo bancar o valente na partida do S. C. Juvenil com o Diamantino, chegando ao ponto de dirigir insultos a assistência. [...] Caro amigo, o S. C. Juvenil por ser de negro como você disse, mostrou sua educação, quanto a você querendo ser branco, mas que não é; não acha triste praticar papéis de tal natureza, onde demonstrou claramente precisar de procurar um professor de português, para educar-se, e mais tarde ingressar em meios onde com o seu conhecimento firme possa sair-se com galhardia e distinção.³¹

Os times da comunidade negra integravam partidas em outras cidades, conectando as famílias das distintas localidades: “Os jogadores do primeiro quadro do Juvenil, com grande entusiasmo com a excursão ao Arroio Grande, aonde vão disputar uma partida com S. C. Cruzeiro, daquela cidade.”³² Em relação a Arroio Grande, outra equipe de Jaguarão, o Gaúcho F. C., que era vinculado a outro clube social negro, o Clube Recreativo Gaúcho, em 1933, foi realizar amistoso contra um time local chamado José do Patrocínio,³³ evidenciando as trocas simbólicas dos símbolos de resistência negra na fronteira e intercomunidades locais (AL-ALAM, 2019).

O intercâmbio de experiências era realizado também com times do Uruguai, como o Guanderes F. B. C. da cidade de Rio Branco, evidenciando as relações entre comunidades fronteiriças Brasil-Uruguai: “Futebol. No dia 23 do mês findo, realizou-se no campo dos militares, mais um importante encontro entre o valoroso S. C. Juvenil e o destemido Guanderes F. B. C. Desse renhido embate saiu vencedor o Juvenil, vice-campeão da cidade, pela contagem de 2 a 0.”³⁴

No carnaval, o suplemento registrava as atividades das diferentes

associações negras envolvidas com a festa popular. Aparecem, no jornal, grupos que hoje são pouco lembrados, e chama a atenção organizações que foram dirigidas ou contaram com a participação efetiva de mulheres. É o caso do Grupo Carnavalesco Prediletas que, em sua sede, no dia 22 de janeiro, realizou “[...] um animadíssimo baile; para as danças fez-se ouvir um afinado e bem organizado jazz”.³⁵ O Grupo Carnavalesco das Margaridas, que no dia 1º de março realizou “um extraordinário baile” em sua sede, “[...] o qual esteve sempre com muita ordem. Teve para animar os pares, seu afinadíssimo jazz band”.³⁶ Ainda, o Bloco das Minas, que em sua sede realizou “[...] um concorrido baile, que durou até altas horas da madrugada, com ordem e animação, levando os convivas ao terminar a festa, grata recordação”.³⁷

Chama a atenção, nas notícias, além da concorrência do *jazz*, como apreciação musical da época, novamente a referência ao comportamento ordeiro. O dia 26 de março de 1933, na coluna “Cacei”, foi exemplar nesse sentido, é preenchido destas preocupações com a ordem, a moral, ainda mais sobrecarregado em relação às mulheres negras. Chama a atenção a coluna com denúncias de agressão à mulher em baile, pessoas sendo corrigidas por maus costumes no Clube 24, críticas a trocas de olhares maliciosos e reprimendas a casal que dançava muito agarradinho, dentre outras situações.³⁸ O mais aplaudido cordão carnavalesco da cidade, o União da Classe (NUNES, 2010), que era formado por integrantes do Clube 24 de Agosto, também era evidenciado na coluna “Cacei”. Chamado de “destemido”, noticiava a coluna o desfile do União da Classe na noite do dia 23 de fevereiro, quando esse fez “[...] uma passeata pelas ruas da localidade, cantando o seu afinado coro ao som da respeitada orquestra, marchas, sambas e canções do outro mundo. A fantasia de grande efeito pelas cores e feito intitulava-se: Sol”.³⁹

A instituição mais referida no suplemento *O Jaguareense* do jornal *A Alvorada*, sem dúvida, foi o Clube 24 de Agosto. Clube social negro criado em 1918, e que até hoje (mais de 100 anos depois) continua em atividade (AL-ALAM; ESCOBAR; MUNARETTO, 2018), e diversas vezes tem noticiado suas ações cotidianas ou é cenário para algumas das cobranças morais da coluna do “Dr. Caçador”. O que evidencia o quanto este território negro, o 24, atuava de forma contundente na década de 1930 na cidade. O clube, além da sociabilidade, agregava diferentes práticas como palestras

e espaço de biblioteca, que previam ações educativas em busca de um projeto de cidadania. Era uma instituição consolidada como referência da comunidade negra de Jaguarão. Como era de se esperar, como projeto político de atuação do jornal, “Dr. Caçador” operava na preservação moral da entidade e da cidadania negra, como quando cobrou da diretoria postura moral exemplar, criticando o estado de embriaguez em um baile, na sede do Clube:

Então, meus amigos, desta maneira é que querem o progresso da raça e da sociedade? Isto servirá para desmoralizar, não só aos Srs. como a sociedade da qual fazem parte, e aos vossos irmãos de raça, que nunca poderão levantar altivamente a cabeça, por possuírem entre os seus, elementos que fazem sem cogitarem dos resultados, papéis tristes como os que os amigos fizeram. Pobre raça de Patrocínio, pobre Clube 24 de Agosto da formosa cidade de Jaguarão.⁴⁰

Em outra notícia, o jornal destacava a moralidade no baile de celebração do ano-novo de 1933: “[...] uma reunião do outro mundo, que teve início às 7 ½ da tarde e terminou a 1 ½ da madrugada, reinando sempre muita ordem e alegria, tocando para as danças um bem organizado Jazz-band”.⁴¹

Na década de 1940, a representatividade do Clube 24 de Agosto para a luta da cidadania do povo negro em Jaguarão era enfatizada até mesmo pelos jornais da sociedade branca. O jornal *A Folha*, no ano de 1941, descreveu o clube como a “[...] sociedade mais velha que simboliza a sua raça na nossa cidade”.⁴² Por outro lado, o jornal situava aquele território e a comunidade que o compreendia, pois, sem dúvida, a raça era um vetor social fundamental para a hierarquização das oportunidades e experiências dos indivíduos em sociedade.

O “Dr. Caçador” buscava insistir na importância da manutenção daquele território negro, o Clube 24 de Agosto, e motivava para a melhor organização da instituição cobrando o pagamento de mensalidades na coluna do jornal: “O Dr. Caçador vai dar um conselho à rapaziada: queres ver teu Club 24 de Agosto forte e em progresso? Paguem suas mensalidades!”⁴³ As finanças do clube deveriam viver no limite, era um desafio

de resistência, e como é exemplar a notícia de um corte de luz em plena reunião de diretoria.⁴⁴

Outras notícias dão conta das atividades culturais cotidianas do clube e que evidenciam a insistência de sua comunidade em adotar atividades que estivessem afinadas com o que de “bons costumes” era viabilizado na época. São evidenciadas críticas a horários tardios de início de festas,⁴⁵ concursos de nó na gravata,⁴⁶ bailes à fantasia,⁴⁷ bailes de máscaras,⁴⁸ e quase sempre festividades marcadas por bandas de *jazz*.

Ocorriam, até mesmo em tom jocoso, brincadeiras sobre as gerações mais antigas do clube, como as destinadas a Theodoro Rodrigues, um dos fundadores da instituição: “O seu Theodoro, no baile do 24 dançando todo tremelique e dançava tango por valsa. Assim não, seu Theodoro, não dá mais no coro, essa dança já entrou em exercício findo.”⁴⁹ As gerações mudavam, os anos 1930 traziam diferentes novidades no campo da moda e de costumes.

Na política, o impacto da circulação volumosa do jornal *A Alvorada* em Jaguarão certamente criou tensões. A tradição de atuação do movimento operário negro na cidade vinha da experiência histórica agregada em torno da Irmandade Nossa Senhora do Rosário,⁵⁰ que continuou sendo evidenciada a partir do Clube 24 de Agosto e na articulação da atuação de alguns diretores deste último dentro da Sociedade Operária Jaguareense;⁵¹ portanto, uma atuação política contundente, mas muito vinculada aos padrões morais do Catolicismo. Rodolpho Xavier, em sua coluna no *A Alvorada*, questionava bastante a atuação da Igreja Católica no Movimento Operário. Taxava os militantes dessas instituições de “obedientes passivos” e denunciava as contradições classistas no seio dessas associações: “Os que se deixam arrastar pelos sindicatos que troca os sofrimentos deste mundo pela bem-aventurança na outra vida, desconhecem por completo as organizações sindicais e bem merecem o pastor que lhes guarda o rebanho.”⁵²

Rodolpho dialogava com as tentativas do Estado Nacional brasileiro em normatizar o sindicalismo no País e realizava avaliações críticas das forças que atuavam nesse processo. Logo após a crítica na coluna do *A Alvorada*, o Círculo Operário de Pelotas, a partir de um militante da instituição, questionou o colunista e o próprio *A Alvorada*, taxando-os de comunistas, uma queixa refugada pelo editorial do periódico.⁵³ As críticas de Rodolpho Xavier circularam por Jaguarão, e sua comunidade negra,

certamente, interagiu com as avaliações políticas que fazia esse militante negro referencial de gerações na luta contra o racismo. É importante lembrar a atuação de longa duração da Sociedade Operária Jaguarense com sua militância, desde a década de 1910, pautando os malefícios do socialismo pelo lema “Deus, pátria e família”.⁵⁴ Para pensar um pouco nas divergências de atuação do Movimento Operário Negro, é interessante a diferença de posição notada por Ângela Oliveira (2017) entre os jornais negros *O Exemplo* e *A Alvorada*, sendo o primeiro o mais próximo do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) com perfil mais ameno em suas contundências; já o segundo jornal tinha um perfil mais combativo. Interessante é frisar que, hegemonicamente, a comunidade negra de Jaguarão, a partir do Clube 24 de Agosto, estava entrelaçada com o PRR,⁵⁵ e a imposição de uma moral submissa para a classe trabalhadora, além da própria influência do Catolicismo, o que reforça certas diferenças com a atuação do *A Alvorada*.

Sem dúvida, essas dissonâncias dentro do Movimento Operário Negro em Jaguarão são fundamentais para serem percebidas; o fato é que a influência dessa tradição da Igreja Católica era hegemônica. No dia 9 de abril de 1933, na *colunakm*, “Cacei pelo rádio”, o redator chamava a atenção de “senhorinhas” que estavam se comportando mal na plateia, o que evidenciava, segundo o narrador, uma falta de educação. O espetáculo no Teatro Esperança, principal palco das artes no município, teria ocorrido no dia 22 de março e era uma Conferência da Liga Eleitoral Católica, o que evidencia, mais uma vez, a ligação do Movimento Operário Negro da cidade e a influência da Igreja.

Interessante é sempre pensarmos nas formas de recepção que grupos e comunidades construíram das ideias e perspectivas políticas, muitas vezes impostas hegemonicamente. No caso da comunidade negra, por mais que um padrão moral fosse imposto, esse respaldava a afirmação de uma identidade racial negra positiva, e a comunidade negra de Jaguarão, de forma contundente, realizava o debate sobre o racismo na cidade. Era um manejo protagonista que a comunidade negra construía a partir da recepção de organização comunitária católica, vertendo, a partir da mobilização como movimento operário, reivindicações de cidadania pautadas pela luta contra o preconceito racial; e, para além disso, fundamentalmente, por uma identidade negra positiva na sociedade.

Essa mobilização por parte da comunidade negra de Jaguarão permanece como uma luta de longa data, até hoje existindo diversos coletivos na cidade. Ainda, duas décadas depois, sobrevivendo ao autoritarismo do Estado Novo e se reorganizando como movimento político na cidade, foi articulada uma representação da “União dos Homens de Cor” (UHC).⁵⁶ Essa articulação passou por integrantes da comunidade e diretoria do Clube 24 de Agosto, como o fundador e, na época, ainda diretor Theodoro Rodrigues e Melchiades Vargas, ex-diretor. Em 1952, foi anunciada uma sede da UHC em Jaguarão, com endereço na Rua Marechal Deodoro, 433, e nela seria instalada uma Escola de Corte e Costura. A sede ficaria sob a responsabilidade da coordenação de Melchiades Vargas.⁵⁷

Nos meses de junho, julho, agosto e setembro de 1933, o suplemento *O Jaguareense* some de circulação no jornal. No dia 15 de outubro, o jornal *A Alvorada* dava um ultimato a Marcelino, representante em Jaguarão:

Telegrama – cifrado. Urgente. Sr. Marcelino Costa, ex-representante da A Alvorada. Alfaiataria “Ao Figurino”. Rua 15 de novembro n. 59. Jaguarão. Rogamos dar-nos explicações a respeito do nosso convênio. Os dias estão se esgotando e a nossa complacência também... Esperamos solução urgente. Já estando no prelo vosso clichê, com as respectivas homenagens de que sois merecedor. Avisamos para que fiqueis ciente da nossa intenção. Sem mais firmo-me sumamente grata. A Alvorada.⁵⁸

Em 7 de janeiro de 1934, o jornal publicava nova informação sobre o conflito: “Correspondência. Marcelino F. Costa (Jaguarão), recebemos 25\$000 e promessa de todos os meses recebermos algo. Que não fique em promessas são os nossos votos.”⁵⁹ Marcelino buscava acertar as contas com o grupo de proprietários do jornal *A Alvorada*, os irmãos Penny. Não há indícios de que Marcelino estivesse enganando a diretoria do jornal. Como havia muitas lamentações em editoriais se queixando da falta de pagamento de mensalidades ao *A Alvorada*, podia ser também que Marcelino tivesse dificuldades de receber os valores das assinaturas em Jaguarão. O fato é que ele acabou pagando caro por ser correspondente, sendo publicamente questionado nas páginas do jornal.

Meses depois, em maio de 1934, após um silêncio sobre a situação, o

jornal publica um diálogo com o “Dr. Caçador”. Numa espécie de jogo com ventriloquo, o jornal coloca o protagonista da coluna mais popular na atuação em Jaguarão, para justificar os motivos do seu desaparecimento. O jornal intitula o texto como “Uma palestra com o Dr. Caçador”, e inicia com uma saudação que indaga o desaparecimento do protagonista da fronteira: “Oh amigo Caçador há tanto que não te via! É verdade meu bom amigo, a gente só deve aparecer quando seja necessário [...]”. O texto continua enfatizando a ideia de que a coluna “Cacei” deveria ceder espaço para outros textos que, na pretensa opinião da redação do jornal, contribuísem, de fato, com a cidadania da comunidade negra, “[...] pois o que o nosso jornalzinho precisa é do cultivo esclarecido dos seus colaboradores e leitores, e eu, com as minhas caçadas, recebo muito espaço do jornal *A Alvorada*, quando devia ser preenchido com artigos de fundo dos seus ilustrados colaboradores [...]”.⁶⁰ Nesse diálogo, com base na ventriloquia, em que se finge que há outro indivíduo a responder, o jornal encerrava, de fato, a participação do “Dr. Caçador”. Durante todo o ano de 1934, não apareceram mais notícias do “Dr. Caçador”, nem ao menos de Jaguarão.

Neste artigo, busquei caracterizar a atuação da Imprensa Negra em Jaguarão, a partir do suplemento específico da cidade: *O Jaguarensense* no jornal *A Alvorada*. Foi possível, também, evidenciar diferentes coletivos sociais negros na cidade, suas práticas culturais e políticas. Tentei deixar evidente, também, a forma como a atuação do suplemento e seu editor Marcelino Costa, juntamente com o conjunto da estrutura do *A Alvorada*, colaboraram para a construção de um projeto de cidadania que passava pela afirmação de uma identidade racial negra positiva. Em longa duração, a comunidade negra de Jaguarão, na fronteira Brasil-Uruguaí, estruturou uma tradição associativa e militante, admirável por estar presente ainda nos dias de hoje, na luta por cidadania.

Referências

- AL-ALAM, Caiuá Cardoso. O Clube Recreativo Gaúcho: um clube social negro em Jaguarão (1930-40). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 9., 2019, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 1-15.
- AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LIMA, Andréa Gama. Territórios negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico. In: AL-ALAM, Caiuá Cardoso (org.) *et al. Ensino de História no Conesul: patrimônio cultural e fronteiras*. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 261-272.
- AL-ALAM, Caiuá Cardoso; SABINO, Vinicius. O Colégio Noturno 20 de Setembro: a comunidade negra em agência por projetos de educação. In: ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES, 4., 2018, Pelotas. *Anais* [...]. Pelotas, 2018. p. 1-10.
- AL-ALAM, Caiuá Cardoso; ESCOBAR, Giane Vargas; MUNARETTO, Sara (org.). *Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguaí*. Porto Alegre: ILU, 2018.
- ALVES, Lúcio Xavier. *Rodolpho Xavier: uma intelectualidade na organização sindical e na luta dos negros em Pelotas (1931-1935)*. 2005. Monografia (TCC em História) – UFPel, Pelotas, 2005.
- BALLADARES, Ângela Pereira Oliveira. Rodolpho Xavier: trajetória intelectual na imprensa negra no pós-abolição. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 9., 2019, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 1-12.
- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederick Barth*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p. 185-227.
- BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra do Estado de São Paulo. In: BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 129-156.
- BOM, Matheus Batalha; SILVA, Tiago Rosa da; CORRÊA, Nelson Luís; ROSA, Alzemiros Gonçalves da. Experiências negras de escravidão e liberdade em Jaguarão nos séculos XIX e XX. In: Caiuá Cardoso Al-Alam; Giane Vargas Escobar; Sara Teixeira Munaretto. (Org.). *Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguaí*. 1ed. Porto Alegre: Ilu, 2018, v. 1, p. 17-35.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, v. 12, n. 23, p. 100-122. 2007.
- FLORES, Giane Caroline. *Sob a farda*

- da polícia*: controle social, trabalho, cor e prestígio: Porto Alegre, fins do século XIX. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2018.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política* (1888-1937). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GOMES, Arilson dos Santos. *O universo das gentes do mar e a identidade negra nos discursos e práticas políticas de Carlos Santos* (1959-1974). 2014. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2014.
- LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe*: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Ed. UFPel, 2001.
- NUNES, Juliana dos Santos. *Somos o suco do carnaval!* A marchinha carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto. 2010. Monografia (TCC em História) – UFPel, Pelotas, 2010.
- OLIVEIRA, Ângela Pereira. *A racialização nas entrelinhas da Imprensa Negra*: o caso de *O Exemplo* e *A Alvorada* – 1920-1935. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – UFPel, Pelotas, 2017.
- ORCELLI, José Nunes. *Os 103 anos do futebol jaguarense*. Santa Maria: Edição do Autor, 2005.
- PERUSSATTO, Melina Kleinert. *Arautos da liberdade*: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal *O Exemplo* de Porto Alegre (c.1892-c.1911). 2018. Tese (Doutorado em História) UFRGS, Porto Alegre: 2018.
- SANTOS, José Antonio dos. *Raiou a alvorada*: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas: Ed. da UFPel, 2003.
- SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da história*: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional 2011. Tese (Doutorado em História) PUCRS, Porto Alegre, 2011.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *Transgredindo as margens e forjando histórias*: a imprensa negra na fronteira Brasil-Uruguaí no pós-abolição. *Intellèctus*, ano XVII, n. 1, p. 1-22, 2018.
- SILVA, Fernanda Oliveira da. *As lutas políticas nos clubes negros*: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguaí no pós-abolição (1870-1960). 2017. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2017.
- SILVA, Tiago Rosa da. *Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no pós-abolição*: imprensa, carnaval e clubes sociais negros na fronteira Sul do Brasil – 1913-1980. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – UFPel, Pelotas, 2018.
- SOARES, Eduardo Alvares de Souza. *Igreja Matriz do Divino Espírito Santo da cidade de Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
- VERGARA, Patricia Lima. *Um por todos, todos por um*: a Sociedade Operária Jaguarense (1911-1948). 2019. Monografia (TCC em História) – Unipampa, Jaguarão, 2019.

Notas

1. Sem dúvidas, hoje, já existem muitos trabalhos sobre a Imprensa Negra no Brasil, em diferentes períodos. Mas destaque os trabalhos de José Antonio dos Santos (2003) e de Ana Flavia Magalhães Pinto (2010) como fundamentais para a ampliação e diversificação desses estudos no Brasil.
2. Para se ter uma ideia, em sua tese de Doutorado, José Antonio dos Santos analisou jornais relativos à Imprensa Negra das cidades de Cachoeira do Sul, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Maria e Bagé (SANTOS, 2011).
3. O Grupo de Estudos sobre o Pós-Abolição (Gepa), da Universidade Federal de Santa Maria, vem atuando de forma exemplar no levantamento e pela preservação dos exemplares em arquivo da Imprensa Negra no Rio Grande do Sul. Em Santa Maria, o grupo evidenciou os jornais *O Rebate* (1919), *O Succo* (1921), *A Voz do Treze* (1965), *O Tigre* (1970). Ver: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/observatorio-de-direitos-humanos/grupo-de-estudos-sobre-o-pos-abolicao-gepa/>.
4. Dentre diversos desses trabalhos, referentes à região em estudo, mais especificamente a Jaguarão, ver esses que realizam uma síntese desse tema: Bom, Silva, Corrêa e Rosa (2018); Al-Alam e Lima (2011).
5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional Parte XX – Rio Grande do Sul. Tomo 1. Rio de Janeiro. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950. p. 177.
6. Biblioteca Pública Pelotense (BPP). Centro de Documentação e Obras Valiosas (Cedov). *Jornal A Alvorada*. Dia 12 de março de 1933.
7. O aniversário de Marcelino era celebrado no dia 22 de março, mas não é relatada sua idade, apenas o jornal utiliza as expressões “jovem” com “útil e laboriosa existência” para se referir-se a ele. BPP. Cedov. *Jornal A Alvorada*. Dia 19 de março de 1933.
8. Registro de Casamento de Marcelino Ferreira da Costa Filho e Helia Soares realizado em Jaguarão, no dia 11 de dezembro de 1934. Cartório do Registro Civil de Jaguarão. Por motivo da pandemia de COVID-19, a pesquisa deste documento foi feita no *site*: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:33S-7-LiRV-DHH?mode=g&cc=1985805>. Documento original está sob a guarda do Arquivo Público do Estado do RGS.
9. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. *Jornal A Alvorada*. Dia 19 de março de 1933.
10. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*.

- Jornal *A Alvorada*. Dia 16 de abril de 1933.
11. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 25 de dezembro de 1932.
12. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 15 de janeiro de 1933.
13. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 22 de janeiro de 1933.
14. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 1º de janeiro de 1933.
15. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 26 de março de 1933.
16. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 23 de abril de 1933.
17. A respeito da intensa participação da comunidade negra integrando os quadros de trabalho da Brigada Militar, ver: FLORES (2018).
18. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 26 de fevereiro de 1933.
19. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 19 de março de 1933.
20. Rodolpho Xavier nasceu em Pelotas, por volta de 1874, como filho de ventre livre. Foi militante operário negro, poeta, escritor e um dos fundadores do jornal *A Alvorada* além de ser um dos seus principais colunistas. Foi uma referência para a Imprensa Negra e o movimento operário negro. Faleceu em 1964 (BALLADARES, 2019; ALVES, 2005).
21. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 7 de fevereiro de 1932.
22. Carlos da Silva Santos nasceu em 1904, na cidade de Rio Grande. Foi um militante operário sindical negro e contribuiu com jornais e, entre 1935 e 1937, obteve o primeiro mandato como deputado estadual. Faleceu no ano de 1989 (GOMES, 2014).
23. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 5 de maio de 1932.
24. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 26 de março de 1933.
25. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 28 de maio de 1933.
26. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 1º de janeiro de 1933.
27. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 25 de dezembro de 1932.
28. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 15 de janeiro de 1933.
29. Destaca Orcelli que o Diamantino fazia intensa representação do futebol jaguarense no Uruguai, em cidades como Melo, Vergara e Treinta y Tres (2005, p. 29).
30. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 29 de janeiro de 1933.
31. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 29 de janeiro de 1933.
32. BPP. CEDOV. Jornal *A Alvorada*. Dia 1º de janeiro de 1933.
33. Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (IHGJ). Jornal *A Situação*. Dia 19

- de outubro de 1933.
34. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 7 de maio de 1933.
35. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 29 de janeiro de 1933.
36. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 12 de março de 1933.
37. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 19 de março de 1933.
38. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 26 de março de 1933.
39. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 12 de março de 1933.
40. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 26 de fevereiro de 1933.
41. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 8 de janeiro de 1933.
42. IHGJ. *Jornal A Folha*. Dia 23 de agosto de 1941.
43. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 1º de janeiro de 1933.
44. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 18 de dezembro de 1932.
45. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 18 de dezembro de 1932.
46. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 15 de janeiro de 1933.
47. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 8 de fevereiro de 1933.
48. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 12 de março de 1933.
49. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 18 de dezembro de 1932.
50. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Jaguarão, foi fundada no dia 17 de maio de 1860, através do novo vigário da Igreja Matriz da cidade, o Padre Joaquim Lopes Rodrigues, que viera em 1859 para substituir o Padre Themudo. Padre Lopes, era natural da Bahia, devoto de Nossa Senhora; certamente sua experiência de vida deve ter sido importante para apoiar tal iniciativa da comunidade negra de Jaguarão. Na lista de fundadores da Irmandade, figuram muitos escravizados(as) da cidade, com presença também importante de africanos livres (SOARES, 2011, p. 131-134).
51. A Sociedade Operária Jaguareense foi fundada em 1911 pela Ordem Premonstratense e, em 1948, passou a ser chamada de Círculo Operário Jaguareense (VERGARA, 2019). Ofertava diversas práticas de assistência ao operariado, as quais objetivavam, de fato, disciplinar a classe trabalhadora através da moral cristã.
52. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 9 de outubro de 1932.
53. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 27 novembro 1932.
54. Em 1913 é exemplar o editorial do *Amigo do Operário*, jornal da Sociedade Operária Jaguareense: “No socialismo, o operário não passa de um instrumento, de um escravo. Operários que amais a

verdadeira liberdade e prezais a vossa dignidade humana - alerta! Tudo por Deus, pela Pátria, pela Família; tudo pelo bem e progresso de nossa classe!” IHGJ. *Jornal O Amigo do Operário*, dia 30 de abril de 1913.

55. O Clube teve edifício para sede social emprestado por membros do partido e quando dos desfiles do Cordão Carnavalesco União da Classe, buscava o batismo de seus estandartes na casa das lideranças republicanas.

56. A União dos Homens de Cor foi fundada em Porto Alegre no ano de 1943 e tinha como objetivo garantir a instrução a homens e mulheres negras. No final da década de 1940, a UHC já havia se espalhado por todo o País (SILVA, 2003).

57. Nesta matéria de jornal há a informação de que havia 84 mil sócios da UHC no Rio Grande do Sul e 1.3000.000 espalhados pelo Brasil. IHGJ. *Jornal A Folha*. Dia 15 de julho de 1952.

58. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 15 de outubro de 1933.

59. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 7 de janeiro de 1934.

60. BPP. CEDOV. *Jornal A Alvorada*. Dia 13 de maio de 1934.